

## O MITO DA MULHER:

### O «HOME» — SOLIDÃO E AR CONDICIONADO

**T**ODO o mito envolve uma alienação de liberdade. Desde os doutores da Bíblia aos cientistas do comportamento humano da actualidade, o dossier *Mulher* é, afinal, a panorâmica dos sucessivos mitos que a ajustam a determinado molde social — portanto, a determinada influência de responsabilidade. Os ingredientes variam com a temperatura histórica mas a *figura ideal* inspira-se na mesma fórmula de princípio: *le deuxième sexe* não é o outro sexo mas o que vem *depois* do homem (nasceu de uma costela de Adão, não se esqueça...), a mulher em plano secundário no esquema do estatuto público.

«*Cá em casa manda Ela, quem manda n'Ela sou Eu*», anuncia o azulejo de boas-vindas que ornamenta a casa portuguesa. E na ingénua declaração contém-se o Ponto Um do ideário primitivo da esposa-à-margem do colectivo e, simultâneamente, a base do código familiar em que se apoiam o machismo, no plano sentimental, e o feudalismo económico, no plano das estruturas sociais <sup>1</sup>.

D. Francisco Manuel de Melo definiu-a, com vénias galantes, como ser frágil e sujeito a tentações; instrumento do diabo, lhe chamaram as cruzadas medievais, os exorcismos e as demonologias que constam do *Formicarium* ou do *Malleus Maleficarum*. Apesar dos séculos de intervalo, o acordo é evidente.

Mas a *dona de recato*, que é o exemplar-mito de D. Francisco Manuel, sofreu as correcções do tempo. A *Carta de Guia de Casados*, esse manual das inferioridades da mulher, ordenou-lhe que se resumisse aos filhos e à cultura de *almofada e bastidor* e ela, mal ou bem, aprendeu a escrever com a ponta da agulha e a ler pela mão do confessor. Em poucos anos o deslumbramento da *femme savante* levava-a das fronteiras do lar à vida

---

<sup>1</sup> «Apesar de tudo, convém notar bem que o governo doméstico, conferindo à mulher amplos poderes no lar, não vem suprimir a administração do marido» (Prof. Gomes da Silva, *Curso de Direito da Família*).

«Não há dúvida, portanto, de que há o dever de a mulher se conformar com a direcção do marido, de lhe obedecer» (*Idem*).

social dos salões dourados. Estava esboçado o mito romântico, o novo perfil feminino: galanteria e belas letras. Modelos a copiar: Georges Sand e Mm.º Staël.

O eco dessa promoção feminina atingiu trêmulamente a província portuguesa da Europa. Vem à memória o nome da Marquesa de Alorna, evidentemente. Mas o seu a seu dono: antes dela inscreve-se uma pioneira esquecida — Teresa Margarida da Silva Horta, escritora de vanguarda e autora do primeiro (?) romance feminista, *Aventuras de Diófanos*. Prisioneira de Pombal, para terminar.

«*Nas mulheres a injustiça dos homens lhes tira a liberdade assim que nascem...*» — eis, numa linha, o programa de Teresa Margarida e o curioso é que a frase não lhe pertence mas a um dos espíritos do seu círculo que recebera, como ela, as luzes do século: Matias Aires.

Sociólogo, matemático, redactor de *Reflexões* (várias) e de um estudo sobre *A Arquitectura Portuguesa* (1753), este homem de peregrinações europeias (como Ribeiro Sanches, como Verney, como Luís da Cunha) foi um dos raros portugueses a preocupar-se com o assunto tabú. Depois dele, só o Judeu e Garção, ambos de relance, e um esforçado e medíocre Manuel de Figueiredo (*Apologia das Damas*) ousaram esboçar novos rascunhos para a mulher do Romantismo que Garrett iria desenhar em corpo inteiro... e à portuguesa, já se vê.

Sòmente, Garrett revela-se (contra sua vontade, admito) um ourives da mitificação feminina. Bucólico e a cheirar a loções civilizadas de Picadilly. Escreve *O Toucador* mas acrescenta-lhe na portada a designação de *Periódico sem Política* e faz política ao contrário: reduz o progresso das damas a modas de Paris, poesia de assembleia, etiqueta, jogos de salão — os mesmos elixires com que foi parcialmente descrita a elegante dos salões franceses para a poderem eger como mito (conveniente) do Romantismo: a figurinha de Saxe.

Um caso entre muitos, Garrett. Se virmos bem, a nossa literatura transpira vários incensos da mitificação feminina quando precisamente julga desmontar a «vida contemporânea». Júlio Dinis considera o *belo sexo* como um ser resignado, só instinto. Eça vê-o como objecto de tentação (*Padre Amaro*), presa fácil na ausência do braço vigilante do marido (leia-se *Os Maias*, leia-se *O Primo Basílio*). E nos escritores dos nossos dias, mesmo naqueles de formação materialista, são frequentes os indícios de machismo:

1.º) o recurso a imagens de erotismo primário como abonações da qualidade de mulher (égua, flor sanguínea, lua, ancas luarentas, enigma, etc.); 2.º) paralelismos com rituais simbólicos (tatuagens, ferra de cavalos) e 3.º) a verificação, quase sistemática, de as heroínas não terem passado sentimental (complexo de virgindade).

## II

Império (e, logicamente, Raça, Expansão, Povoamento) são ideias associadas a um estatuto familiar rigoroso. A voz moralizante de Gil Vicente acerca dos desconcertos da lar é sempre justificada em função dos conquistadores em demanda de novas terras. A célebre carta da rainha Vitória condenando os movimentos feministas coincide com a fase de reafirmação da Coroa. Escreve ela: «*A Rainha sente-se a tal ponto indignada com esta questão que a custo consegue manter a serenidade*».

A questão era salvaguardar o puritanismo contra a revoada dos anjos sufragistas. A esses e ao gosto elegante dos salões franceses, a matriarca imperial respondia com as tintas mais duras da austeridade. O quadro passa a ser outro: pesado e matronal. O mito sofre uma nova metamorfose; a da *mulher vitoriana*, para usar a nomenclatura dos tratadistas.

Mais violento, o Império do III Reich programou o ideal feminino em alíneas autoritárias e irreversíveis. Por ordem: Kinder (filhos), Küche (cozinha) e Kirche (igreja) — a *Mulher dos três K*. Vimo-la em estátuas gigantescas, possante, ventre sensual e rosto decidido voltado para a expansão. Em pleno ar livre: o lar, na paisagem hitleriana, não dispunha dos individualismos que o distanciassem do Estado.

«*A mãe alemã é o grande capital do Nacional-Socialismo*», declarou o ministro Goebbels que, na véspera da derrocada, se suicidaria com a esposa e os filhos. E Schlierbach pormenorizara que a «*higiene matrimonial*», os delitos contra a raça se consideravam actividades tão nocivas ao Estado como a alta-traição, o tráfico de divisas, o bolchevismo, etc. — Collotti, *A Alemanha Nazi*.

O mito dos 3 K recrutara os seus advogados do diabo nos eugenistas em uniforme e nos estrategas do programa anti-semita. Paradoxalmente todos apoiavam a sentença de um judeu — Freud — segundo a qual o destino é ditado pela anatomia...

Adiante. Poucos anos depois, o mesmo «slogan» serviria ao Império Americano para situar a mulher no seu individualismo biológico. Teve a palavra um socialista liberal, Adlai Stevenson: «*A participação feminina na vida moderna deve fazer-se unicamente através da sua actividade de esposa e mãe*».

Nessa altura os Estados Unidos acabavam de sair de uma guerra e de fazer as estatísticas dos homens perdidos; tinham repartido o mundo em Yalta. Precisavam, de futuro, de colocar a mulher. O novo mito feminino forjava-se nos *lobbies* do Congresso, nos departamentos da Informação.

Entretanto, o emblema já tinha as coordenadas definidas. De há muito que o Código Civil, a Política e os relatórios da Ciência fechavam o hori-

zonte consentido ao lar. A irresponsabilidade parcial da mulher, a sua posição de segregada do pacto social, estavam mais do que justificadas.

### III

Hoje, 1965, as empresas fabris domésticas introduziram, nos países em crise de crescimento industrial, um novo vocábulo: *Home*.

Como snack-bar, barbecue, hobby, frigidaire, self-service, termos internacionalizados e todos eles da vida corrente familiar, *Home* aparece no dicionário das classes médias da França, da Bélgica ou da Dinamarca, no sentido de *lar funcional*, de *lar post-artesanal*. Significa para a dona de casa desses países uma solução de ajustamento às novas características de um quotidiano em que a carência e custo do pessoal doméstico e, simultaneamente, a função tempo-distância-transporte comprometem a sua economia, as horas de convívio familiar e a sua liberdade individual. *Home* é a nova face do Ocidente no universo do lar, mas uma face que engloba também valores espirituais e sentimentais e não simples referências económicas. Implica necessariamente numa ideia de *mulher*, traduz uma conquista da *housewife* americana que, aos olhos da ocidental, goza dos prestígios de uma igualdade de direitos cívicos, dispõe de inegável abundância de bens de consumo e conta, no seu *curriculum*, com a experiência de ter enfrentado, antes de ninguém, as transformações que a expansão industrial está originando na Europa.

Bem entendido, Hollywood, a literatura e o instinto de reacção ao «standard» e ao «materialismo da existência» abalam, e continuam a abalar, o fascínio da *pax americana*. O fenómeno dos *hipsters*, diagnosticado por Norman Mailer & Outros, surge como um impasse da juventude em rebelião; os inadaptados dos romances de Salinger e de Kerouac, as peças de Albee e os apuramentos de Kinsey apavoram as *boas consciências*. Para encurtar razões, a célula familiar comporta-se de maneira pouco estimulante.

Em socorro disto, o mandato de Kennedy lança a vaga das reformas corajosas. O anti-americanismo universal diminui velozmente, suscitando uma impressão de moralização e de retorno às constantes tradicionais. Na bolsa dos valores éticos a cotação da mulher ianque regista uma subida. A aventureira do divórcio e da *alimony* (indenização conjugal), a assezuada ou a devoradora de homens foram olvidadas como subprodutos circunscritos às comédias de costumes e aos erotismos de exportação. O resto o tempo o diria, e o resto era o mito: aquilo que está para lá da acção imediata ou do objectivo imediato. O *Home*, neste caso.

Mesmo para a ocidental alérgica ao *american style*, esse modelo tinha as aliações de uma solução prática, de modo a poder ser adoptado única-

mente pelo seu conteúdo material. Que se copiassem os super-mercados mas que se preservasse o gosto. Se isso fosse possível, claro.

#### IV

Mito? Mito para quem?

È evidente que cada extracto social tem as suas configurações-limite cuja sublimação transporta necessariamente à mitologia. Mas o mito, creio eu, requer antes de mais nada uma universalidade de dados reais para poder ser aceite na irrealidade que propõe. E uma vez que a realidade *lar* significa um destino histórico da mulher ou, pelo menos, um compromisso que ela pretende tornar mais acessível, o *Home* é o limite para que tendem as camadas femininas não proletarizadas em face do quotidiano do após-guerra.

Consciente ou inconscientemente, não importa. Num inquérito do *Candide* (Abril, 1965), Natacha e Jean Duché, ao fazerem o balanço de uma adolescência (*Des Jeunes Filles Parlent*), levam a concluir que na generalidade subsiste uma predisposição, pelo menos mental, para o *Home*. Na realidade, as entrevistadas que não ambicionam um futuro de donas de casa expõem uma atitude em relação ao amor e ao homem que, indirectamente, as conduzirão à sociedade conjugal nas coordenadas paternalistas. Paralelamente, a socióloga Betty Friedan apresenta resultados semelhantes em *The Feminine Mystique*, com data de Nova Iorque, 1959. *Les jeunes esprits (féminins) se rencontrent...*

Mas o mito serve, o mito é útil. Principalmente porque, acabada a guerra e reconduzida a mulher ao lar, dezenas de «trusts» converteram o seu dispositivo de produção em artigos domésticos ou afins.

As fibras artificiais, até então reservadas ao arsenal bélico, passaram a bens de consumo e simplificaram o vestuário e a decoração; a moda, industrializada, deixando de constituir um artesanato evoluído, facilitou a vida social feminina; os detergentes, os revestimentos sintéticos e a mecanização, substituindo o trabalho assalariado, isolaram ainda mais a dona de casa. De novo, Betty Friedan: «*Os decoradores propõem quadros e murais nas cozinhas porque a cozinha passou a ser o centro da vida da mulher (...)* Praticamente, ela só sai para fazer compras, passear o bebé ou acompanhar o marido».

Vendo bem as coisas, havia vantagens em fixá-la ao lar, quanto mais não fosse porque as indústrias orientadas na modernização doméstica não podiam deter-se. Assim, a máquina criava necessidades para novas máquinas, o desejo provocava novos desejos.

Os resultados não se fazem tardar. Em *Male and Female*, um estudo do comportamento *in a changing (sic) world*, a célebre antropologista

Margaret Mead desenha o círculo vicioso que encerra a americana média: «Os novos equipamentos deixam-lhe cada vez mais tempo livre. Como demonstra o relatório de Brian Mawr, a actividade doméstica ocupa à mulher 60,55 horas nos aglomerados rurais, 78,35 h. nas famílias das cidades de menos de 100 000 habitantes e mais de 100 horas nos grandes centros urbanos»<sup>2</sup>.

A *housewife* bem comportada não tem estes números trágicos na agenda. A europeia ainda menos. Desconhecendo que a perfeita americana dispõe apenas de 4,77 % de liberdade individual, o *Home* continua nas revistas e nos catálogos como um pequeno acre de Deus.

Entretanto, cadeias de rádio e de televisão, organizações particulares, a Imprensa, empenham-se na divulgação do mito: a dona de casa é um consumidor de publicidade, um cliente localizado a horas certas. Por seu lado, o jornalismo feminino desenvolve-se, as tiragens aumentam e os redactores ajeitam a pena ao gosto da leitora: a partir de certa altura, as heroínas das novelas são estudantes ou profissionais que «escolheram a liberdade» votando-se ao lar. O retrato oficial é o da jovem sorridente na cozinha metalizada<sup>3</sup> e o perfil psicológico dá-o *Ladies Home Journal*, Junho 59, nestes termos: «Quando os homens conversam ela jamais se intromete. Não pretende tomar parte nas discussões do marido nem nos problemas que o ocupam porque o seu bom-senso lhe recomenda que é preferível ser ele a solicitá-la».

Não resisto ao confronto com D. Francisco Manuel de Melo (1651): «Nos cuidados dos homens não se metem as mulheres, fiadas em que têm como nós entendimentos». O marialva da *pax ruris* reencontra a actualidade na *pax americana*...

## V

Bombardamento de Bikini, derrota da Coreia, lutas raciais e McCarthy, as fracturas, em resumo, que se operaram na consciência americana estremeceram a confiança elementar e perturbaram a estabilidade psicológica da mulher média dos Estados Unidos. Simultaneamente, a falta de actividade cívica e a crença num praticismo científico (acentuado, talvez, pelo contacto imediato com uma realidade mecanizada), tudo isso

---

<sup>2</sup> Se considerarmos uma média de 15 horas úteis diárias (9 para as refeições e para o sono), estes números correspondem a uma percentagem de tempo livre de 40 %, 25,39 % e 4,77 % mesmo nos domingos e feriados. Este último dado é o mais significativo porque o mito do *Home* influencia principalmente as populações dos grandes centros urbanos europeus.

<sup>3</sup> Comparar com os interiores da pintura flamenga em que a abundância de caça e de frutos era o testemunho de uma burguesia em ascensão e em que a mulher raramente aparecia isolada solitária, como no *Home*.

levou a desprevenida dona de casa a procurar a solução e a descarga das suas alterações na vitamina Psicanálise.

O libelo é banal, bem sei. Nas teses sobre U. S. A., o capítulo da Psicanálise tem o lugar das calúnias e das virtudes. Todavia, não é o método clínico que está em causa. Nem o revisionismo dos seus mais actualizados cientistas. O que se considera é a apropriação da doutrina de modo a torná-la fundamento da mitologia do *Home*.

O postulado das inferioridades femininas («*O destino é imposto pela anatomia*» — Freud *clamavit*) justifica-lhe socialmente o casamento como meta irreversível e a definição da mulher como personalidade marcada por um complexo de castração, que se compensa sexualmente por um protesto viril, convém aos privilégios da mentalidade paternalista. Além disso, «*é sempre em função das ligações com o passado, e não em função de qualquer futuro, que a Psicanálise explica o indivíduo*», observa Simone de Beauvoir, e este ponto tranquiliza ainda mais o conservantismo dos receos do mundo de amanhã.

Nada obsta, portanto, à divulgação das soluções freudianas que, a breve trecho, seriam uma prática confessional, um derivativo da solidão da dona de casa ianque. Isso não aconteceu por acaso, como não foi por acaso que proliferaram o sociodrama e as terapêuticas de grupos. Os interesses que juntavam essas pessoas criavam-lhes um sentido de comunidade e de «apostolado» que se dedica à descoberta do erro, à criação de uma nova confiança. Daí que a Psicanálise — cito outra vez Betty Friedan — seja hoje «*a panaceia americana, uma religião. Tornou-se uma ocupação do espírito, mobilizou o pensamento de uma grande massa que já não encontra justificações suficiente na igreja, na pátria ou no dinheiro e que está cansada de se sentir responsável pelos linchamentos e pelos campos de concentração nas Índias e na África*».

Perante tão complexa diagnose não há dúvida que é mais imediato e menos corrosivo exercer uma terapêutica ao nível dos sentimentos e dos reflexos, ao nível da personalidade e da família, do que remexer nas causas colectivas dessas perturbações. Evidentemente.

## VI

Ao bom gosto e à decência assusta tanto o puritanismo masculinizado das sufragistas como o exibicionismo de *sex appeal* para marinheiro ver e recortar. Desde o símbolo de Jayne Mansfield, extra-conjugal e laivado de

um erotismo de impotência<sup>4</sup>, até à esposa feliz que centraliza a representação do *Home*, processa-se uma verdadeira revisão do conceito americano de *feminino*.

O próprio novíssimo evangelho (de Freud) apadrinha essa evolução, visto que alguns dos seus apóstolos não só condenam qualquer actividade feminina que não seja doméstica, como atribuem à emancipação e à cultura as dificuldades físicas experimentadas no amor. Helen Deutsch, com a sua autoridade reconhecida, fala por todos: «*A mulher paga as suas aquisições intelectuais com a perda de preciosas qualidades femininas. As informações colhidas confirmam que a mulher intelectual é masculina.*»

Somem-se a esta declaração os resultados negativos que Kinsey retirou das 5940 americanas do seu relatório, considere-se o sonho do casamento como meio de integração social, e compreender-se-á a ânsia de feminilidade das raparigas americanas sob a bandeira do *Home*. Exteriorizações desse estado de espírito? Várias e em toda a parte. G..., ao regressar dos Estados Unidos, contou-me que viu crianças de dez e doze anos vestidas de senhorinhas, de saltos altos e cabelo arranjado. As investigações de Brian Mawr assinalam que é vulgar as estudantes utilizarem uma linguagem diante dos rapazes diferente daquela que usam entre elas. E, por fim, *The Feminine Mystique* revela outros dados avulsos: «*Os fabricantes lançaram no comércio soutiens e seios artificiais para meninas de dez anos (...) Num número de Outono de 1960, o New York Times anunciava um vestido infantil proclamando: Também Ela Pode Vir a Conquistar Um Marido. (...) As alunas duma universidade usam ostensivamente o emblema WAM — wives and mothers, esposas e mães — e o próprio estabelecimento difundiu o seguinte lema: A instrução que ministramos nesta Casa não se destina a fazer génios mas autênticas esposas.*» E etc.

(Mais uma vez cedo às comparações. D. Francisco Manuel de Melo: «*O melhor livro é a almofada e o bastidor.*» Júlio Dinis: «*Por quem é, deixe-me ser mulher. Não sabe que odeio a lógica?*»

O preconceito anti-intelectual, que está patente no código marialva, é, ao fim e ao cabo, uma das premissas da Mulher Mistificada 1965.)

---

<sup>4</sup> As hipertrofias cultivadas e certos exotismos como o da satânica e escultural *Rainha Calva* fizeram carreira nos *comics* e são consideradas, por psicólogos e erotologistas, como manifestações de sado-masiquismo. A elefantíase mamária, por exemplo, dominou os congressos de *starlets* (Miss Fantastic 1959, Virginia Bell, Ann Banks, etc.) e foi adaptada a Hollywood em modelos como Jayne Mansfield e Diana Dors. Da *opulência americana* (expressão de Budd Schulberg) não é difícil deduzir um ideal primitivo de beleza e um gosto anti-intelectual, se a confrontarmos com a Vénus de Lespugne ou a Vénus de Hotentote.

«Ignoramos — escreve Lo Duca — se certas esculturas pré-históricas como as Vénus de Lespugne, de Laussel ou de Willendorf, pertenciam a uma idade em que a ginecocracia dominava nas cavernas. Os seios abundantes e as ancas gigantes são constantes de um gosto primitivo...».

## VII

Cada época dispõe dos seus mitos convenientes. A actualidade de qualquer deles está na projecção irreal que transferem dos valores organizados para os promover. Contudo, a sua permanência tem limites que são os de uma realidade-base em que assentam e que pretendem alienar. E daí que, a propósito do *Home* (ainda em processo de entronização), se fale sobretudo da *Mulher dos Três K* e da *Mulher Vitoriana*, dois exemplares já estabilizados historicamente e ambos vindos de uma mesma raiz: a segregação do indivíduo feminino em nome de fatalismos naturais.

Entretanto, o pequeno e amável universo concentracionário que é o *Home* contém em si mesmo, a negação lógica que o destrói: se é em nome do perfeito ambiente familiar que ele se funda, e se a maior parte da vida da família se realiza fora de casa, a mulher não estará progressivamente a afastar-se da comunidade de interesses dos restantes membros? O seu isolamento, sempre crescente em relação ao exterior, não a impedirá de uma compreensão integral do marido e dos filhos?

Uma parte altamente prestigiada dos investigadores das ciências do comportamento afirmam que sim. O parto sem dor, o *birth control* e a própria industrialização doméstica são sinais de liberdade, respostas eloquentes às condenações biológicas e outras. As novas correntes da Psicanálise revolucionam as teses intocáveis, a Igreja coloca *O Evangelho no Mundo Moderno* (Jean Daniélou, S.J.), isto é, encara sob novos dados a questão das «hierarquias naturais» (Pes. Cardonnel, Dubarle, Jolif; Pastores Bosc e Dumas). No pedestal dos medalhões mitológicos, o *Home* fechará, pelo menos, o ciclo das configurações deturpadas de certos aspectos da Mulher.